

Apresentação

Ética Conceitual e Engenharia Conceitual

Nos últimos anos, tem crescido o debate sobre a ética conceitual — isto é, sobre como os conceitos devem ser utilizados — e também sobre a engenharia conceitual — isto é, sobre como os conceitos podem ser projetados, mantidos, reparados, reconstruídos ou, quando necessário, abandonados. Embora o interesse pelo tema não seja novo — basta lembrar que Peirce já escrevia sobre uma “ética da terminologia”, e que a “arte de pensar” é um tópico clássico da filosofia —, o volume e o impacto das discussões recentes sobre normas e projetos conceituais têm se mostrado especialmente ricos e frutíferos em diversas áreas da filosofia contemporânea.

Foi esse dinamismo que levou os editores deste dossiê a propor um primeiro retrato do impacto dessa literatura na filosofia de língua portuguesa — sem, contudo, nos restringirmos à lusofonia. Levando em conta o perfil da revista *Perspectiva Filosófica*, optamos por abrir espaço para que cada autor escreva na língua que considerar mais adequada, bem como para acolher contribuições de pesquisadores que, ainda que não falem português, estejam interessados no diálogo com a comunidade lusófona.

O primeiro texto do dossiê, “Eufemismo como estratégia: O projeto de engenharia conceitual do dossiê *comfort women*”, de Luiz Gustavo Villas Boas Givisiez e João César Ramos, analisa o histórico e a disputa em torno da expressão *comfort women* (“mulheres de conforto”) à luz dos debates contemporâneos em engenharia e ética conceitual. O artigo mostra como o termo, embora originado no sistema patriarcal e militar japonês para encobrir a escravidão sexual de mulheres, foi reaproveitado pragmaticamente pelas próprias vítimas coreanas como eufemismo estratégico. Essa reapropriação visa contornar estigmas morais e facilitar a comunicação em uma sociedade conservadora, ao mesmo tempo em que se busca reformar o significado do termo,

aproximando-o de conceitos como “escravidão sexual” e “crime de guerra baseado em gênero”. Preservando o item lexical, mas modificando sua intensão, o artigo caracteriza o caso como exemplo de “engenharia conceitual alternativa”, e oferece uma reflexão filosófica original sobre o reaproveitamento de termos carregados, introduzindo a categoria de “pejoração indesejável: a favor da reutilização”.

O segundo texto do dossiê é “Negociações metalinguísticas e o problema da consciência”, de João César Ramos. O artigo propõe aplicar o modelo de negociações metalinguísticas – desenvolvido por David Plunkett e Tim Sundell – para lançar nova luz sobre certas disputas filosóficas, em especial sobre o debate entre realistas e irrealistas fenomênicos acerca da consciência. Ramos começa explicando o conceito de negociação metalinguística: disputas que envolvem discordâncias normativas sobre como certos termos devem ser usados. Na segunda parte do artigo, ele defende que as disputas entre realistas e irrealistas sobre a realidade da consciência não dizem respeito apenas à consciência como tal, mas refletem diferentes concepções normativas de “realidade”. Assim, o debate seria melhor interpretado como uma negociação metalinguística sobre o termo “real”. Com isso, Ramos sugere que a metodologia das negociações metalinguísticas ajuda a clarificar a estrutura do problema da consciência.

O dossiê continua com “Conceptual disagreements in the psychology of memory”, de Gabriel Zaccaro. Zaccaro analisa os desacordos conceituais em torno do conceito de “memória autobiográfica” na literatura psicológica. Utilizando a metodologia da engenharia conceitual – e, mais especificamente, a técnica de “engenharia reversa”, introduzida por Amie L. Thomasson – o autor reconstrói genealogicamente o uso do conceito, identificando diferenças relevantes entre as concepções de Endel Tulving e Martin Conway. Zaccaro argumenta que Tulving tende a tratar “memória autobiográfica” como sinônimo de “memória episódica”, exigindo autoconsciência e referência subjetiva implícita, enquanto Conway propõe uma definição mais ampla, que inclui também informações semânticas auto-referidas. O artigo demonstra que essas diferenças em fenomenologia, tipo de autorreferência e conteúdo geram um desacordo

conceitual genuíno, cuja elucidação é importante para evitar confusões terminológicas e para orientar pesquisas futuras na filosofia e na psicologia da memória. O trabalho ilustra a importância da análise conceitual cuidadosa para o avanço de campos interdisciplinares.

Em “Sameness of subject matter in conceptual amelioration”, Cyril Mamin examina como é possível preservar a continuidade temática (*sameness of subject matter*) em projetos de engenharia conceitual, mesmo quando há substituição de conceitos durante o processo de aprimoramento (*amelioration*). Partindo da ideia de que conceitos são modos de pensar, Mamin argumenta que a substituição conceitual é comum em práticas ameliorativas, mas isso não implica necessariamente uma mudança de assunto. Ele propõe que a identidade temática pode ser garantida quando há uma conexão justificável entre os modos antigos e novos de pensar, permitindo, assim, que as partes envolvidas continuem discutindo a mesma questão, ainda que com ferramentas conceituais distintas.

Este dossiê inclui a tradução de três importantes textos sobre ética conceitual e engenharia conceitual. Primeiro, “Um método pragmático para o trabalho conceitual normativo”, de Amie L. Thomasson, traduzido por L. H. Marques Segundo, propõe uma abordagem pragmática para o trabalho conceitual normativo na metafísica. Thomasson argumenta que a metafísica deve ser entendida, em grande parte, como engenharia conceitual, envolvendo a revisão e construção de conceitos de acordo com suas funções práticas. Ela rejeita abordagens “metafísicas pesadas” que apelam a fatos profundos sobre o mundo, e defende que a escolha conceitual deve ser guiada por considerações pragmáticas ligadas aos objetivos humanos. O método pragmático proposto enfatiza a identificação das funções que os conceitos cumprem, respeitando restrições empíricas e permitindo uma crítica construtiva de conceitos inadequados ou prejudiciais.

Em “Desacordo e a semântica de termos normativos e avaliativos”, David Plunkett e Tim Sundell descrevem a metodologia das negociações metalinguísticas da qual falamos acima e a aplicam ao caso de termos avaliativos como “belo”, “divertido”, “moralmente correto”, etc. A meta de Plunkett e

Sundell é mostrar que pode haver conversa rica e substantiva entre pessoas que discordam sobre o que é um atleta, por exemplo. Por exemplo, em um debate sobre se o cavalo Secretariat pode ser considerado um atleta, ambas as partes podem concordar completamente sobre os fatos, mas discordar sobre como o termo “atleta” deveria ser empregado. Um participante pode defender uma concepção restrita, associando “atleta” a características distintamente humanas, como treino deliberado e autoconsciente. Já o outro pode advogar uma concepção mais ampla, priorizando excelência física e realizações competitivas, as quais são características que Secretariat claramente possuía, independentemente de sua espécie. Com essa metodologia, Plunkett e Sundell abriram caminho para a semântica normativa proposta por Thomason, no texto dela incluído neste dossiê.

Por fim, o artigo “Progresso atencional por meio da engenharia conceitual”, de Eve Kitsik (tradução de Gabriel Zaccaro), defende a importância da engenharia conceitual como método filosófico. Kitsik argumenta que a engenharia conceitual contribui para o progresso filosófico ao moldar padrões coletivos de atenção: ela permite que os filósofos direcionem melhor sua atenção a questões mais relevantes ou repensem questões tradicionais de maneira mais proveitosa. O artigo discute como a construção, reengenharia e eliminação de conceitos podem alterar a configuração da atenção filosófica, melhorando a prática filosófica sem desviar seu foco do mundo. Kitsik também propõe que o progresso atencional, embora não suficiente por si só, é uma dimensão necessária do progresso filosófico.

Com este dossiê, buscamos incentivar o debate em nosso meio filosófico sobre ética conceitual, engenharia conceitual e semântica normativa. Se esses textos de alguma maneira inspirarem nossos colegas a se engajarem mais ricamente em conversas e debates mais detalhados sobre a metodologia da pesquisa em filosofia, nossa meta será atingida.

César Schirmer dos Santos
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

André Abath
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)